

Os grandes negócios, os grandes capitais e os grandes itens políticos fazem normalmente parte da mesma agenda, a agenda do Poder; é aí que mora o perigo. Insisto: Há países que perdem a independência, e com ela o bonde da história, desenvolvendo-se aos trancos numa Economia intermitente perdida em permanentes recomeços. Serão sempre efêmeras demonstrações do que poderiam ser, garatujas, caricaturas de si mesmos.

Este é um cenário clássico que não tem, todavia, de ser mantido. Qualquer país pode, e deve, buscar alternativas, associar-se a outros de igual propósito para criar mecanismos que os libertem de dependências históricas porque resultantes de interesses que não são essencialmente os seus interesses. É preciso desprendimento, sem dúvida, e boa dose de estoicismo, olhos postos no objetivo traçado e muita confiança para suportar os cruéis ataques de interesses contrariados, nunca diretos, mas de interpostas pessoas, grupos, entidades. O sacrifício se justifica pelo amor à liberdade em todas as suas modalidades e nuanças. Nacional, pessoal.

E muito cuidado com os mensageiros do caos a bater sempre na mesma tecla, a tecla da sinistrose (Que falta fazem as tuas análises, Joelmir!...), sem nada apresentarem de concreto, nenhum projeto, plano factível, nenhuma contribuição, apenas autossuficiência e arrogância nas expressões, nos gestos, em geral temperadas com boa dose de más intenções.

Revisemos o modo de conduzir a Economia, os negócios, a pauta de exportações, a falta de disposição dos exportadores para agregar valor a produtos, investir em pesquisas e melhorar-lhes a qualidade, atribuindo-lhes competitividade. A Administração tem, claro, responsabilidades, mas os itens citados estão pendentes na conta dos empresários; eles têm de arregaçar as mangas, cuidar de suas responsabilidades e não ficarem esperando que os ventos da solução dos problemas soprem somente de Brasília. Definitivamente, precisamos tingir de novos tons nossa incerta Economia; não podemos ter o forte de nossas exportações assentado em produtos primários. Falo da sustentabilidade que passa necessariamente pela inovação tecnológica e gerencial, pelo tratamento dos custos e, por extensão, entre componentes outros, pela Economia de Escala, algo que ainda se usa.

Não haverá crescimento sustentado enquanto os donos do dinheiro controlarem o investimento, a produção, para não correr riscos, os riscos naturais dos negócios, e maximizarem o lucro, olhos voltados para a oferta menor e para o ganho por unidade, sem pensar nos custos concorrentes, os fixos, por exemplo, entre outras mazelas.



PUBLICAÇÃO
ORIGINÁRIA

TECLAS
03

Janeiro 2016